

ARTHUR
DAPIEVE

segundocaderno@globo.com.br

A santa paz
dos gatos

Acredito em um ser supremo. Ele acompanha todos os meus passos, onisciente, onipresente e onipotente. Ele, aliás, não. Eles. Três. Convivo com três gatos. Foram quatro gatos, mas nessa operação de subtrair já se somam 1.097 dias de saudade. Sou um antigo egípcio no século XXI, sou um adorador de Bastet, a deusa gata.

Essa divindade era, a princípio, uma leoa sanguissedenta, conhecida por outros nomes. Com o tempo, talvez refletindo a domesticação dos humanos pelos pequenos felídeos, ela assumiu uma forma mais terna e familiar: cabeça de gata em corpo de mulher. Bastet era a deusa da fertilidade, a protetora das famílias, a diva da música.

Por isso, os antigos egípcios tratavam suas encarnações ronronantes da melhor maneira possível. Até as mumificavam. Sabiamente, queriam continuar a conviver com os gatos na outra vida, que, esperavam, se iniciaria logo após a morte. Só no templo dedicado à deusa Bastet, em Bubástis, foram achadas mais de 300 mil mumiazinhas.

“Imagine por um momento que Deus criou o gato à sua imagem e semelhança”, propunha a atriz Olga Georges-Picot em “Eu te amo, eu te amo”, de Alain Resnais. Em seguida, ela revelava que a Humanidade fora criada para servir aos gatos e que toda a civilização nada mais era do que o longo processo de proporcionar-lhes bem-estar.

A cena é de uma graça infinita e pode ser

vista facilmente na internet. Olga enumera atividades ou objetos criados para dar conforto ao gato. Pescadores, tapetes, aquecedores. E o rádio... “Porque o gato ama a música!”, explica. Como o filme é de 1968, não menciona CDs ou streaming, mas a civilização não mudou de propósito.

Contemplando-os, afagando-os, servindo-os, esqueço-me do mundo e de seus horrores, esqueço-me até deste time do Botafogo

Trabalho principalmente em casa. Leio, escrevo, escuto música. Meus amos estão sempre por perto, atentos. Numa dessas tardes amenas de temperatura que temos tido, dois estavam deitados na cama de casal, que, sob condições, eu e minha mulher somos autorizados a usar à noite. Naquela pose de esfinge, mantinham olhos fechados e orelhas em pé, voltadas para as caixas de som, ouvindo Ravel. Ravel, que amava gatos.

Quando os gatos ou não gostam do que estou ouvindo ou estão exaustos de sua rotina

diária de dezessete horas de sono, dormem em posições de quem nunca precisou fazer pilates. Invejo a santa paz dos gatos. Contemplando-os, afagando-os, servindo-os, esqueço-me do mundo e de seus horrores, esqueço-me até deste time do Botafogo.

Porém, de uns tempos pra cá, estou às voltas com uma questão-biscoito: nós não gostamos de sair de casa por termos gatos ou nós temos gatos por não gostarmos de sair de casa? Tivéssemos cães, daríamos voltinhas no quarteirão, para eles se exercitarem, fazerem as necessidades e a social lá deles, cheirando os rabos uns dos outros.

Já tive cães, e sinto falta deles, mas não me vejo de novo nessa função. Seria excessiva interação social para o meu estágio de misantropia. Já fui mais ao teatro, ao cinema, ao estádio de futebol, acho que você se lembra. Não tenho ânimo de continuar cheirando o rabo de meus semelhantes, para saber se são amigo-amigo-amigo ou se são hostis. Por ora, ao menos, prefiro ficar quieto, em casa, com meus donos.



FOTOS DE PAULA LOBO

Nova York
aberta aos
talentos
do Brasil

Cobiçados, programas de residência artística na cidade focam em brasileiros



Parcerias. Nathalie Anglès, do Residency Unlimited

CLAUDIA CALIRMAN
Especial para o GLOBO, de Nova York
segundocaderno@globo.com.br

Para muitos artistas, trabalhar em um ambiente diferente, fazer novos contatos profissionais e ficar em dia com a produção contemporânea é fundamental para construir uma carreira sólida. É justamente essa imersão que as cobiçadas residências artísticas em Nova York oferecem. Com modelos e propostas distintas, alguns se dedicam a receber brasileiros.

Há dois anos, a administradora de arte Larissa Ferreira e a curadora Tatiana Schilaro fundaram em Bushwick, no Brooklyn, o primeiro programa de residência dedicado a artistas do Brasil. É o AnnexB (de “anexo brasileiro”), que além de oferecer um pequeno estúdio, promove encontros com curadores, artistas e profissionais da arte. Em pouco tempo, ele já recebeu quase 20 artistas, a maioria mulheres, fora do eixo Rio-São Paulo e sem representação comercial.

Este ano o AnnexB está focado em práticas artísticas voltadas para questões

identitárias. Bel Falleiros, que acaba de completar dois meses de residência no local, usou o espaço para criar um “ponto de encontro”.

— O foco da minha pesquisa é: como encontrar o centro num lugar como Nova York? Por isso me conecto com artistas latino-americanas que vivem aqui, para entender a relação de suas experiências globais com seus lugares de origem.

FLORES E ESPINHOS

O baiano Mano Penalva aproveita a residência no AnnexB para perambular pela cidade seguindo vendedores de rua e catadores de garrafas, na sua maioria imigrantes latinos e chineses. Mano espalha garrafas de água vazias em espaços públicos, formando paisagens transitórias — logo são coletadas pelos ambulantes. O projeto é parte de sua pesquisa antropológica sobre pequenos deslocamentos e a reconfiguração de objetos cotidianos.

— Em Nova York tudo é hiperbólico, desgastado, satu-

rado — diz Penalva. — Quero criar impacto nos hábitos da sociedade.

Um dos mais importantes prêmios de artes visuais do Brasil, o Pipa, oferece ao vencedor uma residência de três meses no programa Residency Unlimited (RU), cuja sede é em uma igreja reformada no Brooklyn.

O RU, que mantém parceria com a feira paulista de arte SP-Arte, aposta em um modelo diferente do AnnexB. O programa que recebe cerca de 50 artistas internacionais por ano não depende de espaço físico (caríssimo em Nova York), já que não oferece

acompanhamento rigoroso e no suporte intenso dado aos artistas.

Mas nem tudo são flores nessas residências artísticas. Para Larissa, espaços como o AnnexB vivem da busca constante de patrocinadores, o que requer muita persistência. Até agora o AnnexB só teve capacidade para acolher artistas convidados, mas o objetivo é expandir e fazer uma chamada aberta em 2018. Para Penalva, o maior desafio é a dificuldade de absorver todo o estímulo oferecido pela grande metrópole.

Já Nathalie acrescenta

“Em Nova York tudo é hiperbólico., saturado. Quero criar impacto nos hábitos da sociedade”

Mano Penalva, artista baiano

estúdio fixo aos artistas. O forte do RU são as parcerias estabelecidas com instituições locais para facilitar a produção de projetos, além da organização de encontros semanais entre artistas, galeristas, críticos e curadores. Para a fundadora Nathalie Anglès, o sucesso do RU está no

que, ao ser aceito no RU, o artista tem que responder um questionário sobre a viabilidade do seu projeto, além de indicar quem gostaria de conhecer durante a residência. E conclui:

— O fundamental é estabelecer metas alcançáveis, para não haver nenhum mal-entendido.

Start na arte.

Em frente ao AnnexB, os artistas Bel Falleiros (à esquerda) e Mano Penalva e a coordenadora do local, Larissa Ferreira